

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
Rafael do Nascimento Silva Santos

**A VIVÊNCIA DA GORDOFOBIA AO LONGO DO PROCESSO
IDENTITÁRIO DE UMA JOVEM ADULTA**

TAUBATÉ - SP
2020

Rafael do Nascimento Silva Santos

**A VIVÊNCIA DA GORDOFOBIA AO LONGO DO PROCESSO
IDENTITÁRIO DE UMA JOVEM ADULTA**

Monografia apresentada para obtenção do certificado de bacharel pelo curso de Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade de Taubaté.

Área de concentração: Psicologia

Orientadora: Profa. Dra. Débora Inácia Ribeiro

Taubaté – SP

2020

Grupo Especial de Tratamento da Informação - GETI
Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBi
Universidade de Taubaté - UNITAU

S237v Santos, Rafael do Nascimento Silva

A vivência da gordofobia ao longo do processo identitário de uma jovem adulta / Rafael do Nascimento Silva Santos. -- 2020.

47 f. : il.

Monografia (graduação) - Universidade de Taubaté, Departamento de Psicologia, 2020.

Orientação: Profa. Dra. Débora Inácia Ribeiro, Departamento de Psicologia.

1. Psicologia. 2. Gordofobia. 3. Processo identitário. 4. Imagem corporal. I. Universidade de Taubaté. Departamento de Psicologia.

Rafael do Nascimento Silva Santos
A vivência da gordofobia ao longo do processo identitário de uma jovem adulta

Monografia apresentada para obtenção do certificado de bacharel pelo curso de Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade de Taubaté.

Área de concentração: Psicologia

Orientadora: Profa. Dra. Débora Inácia Ribeiro.

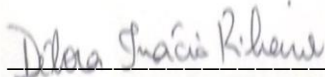
Data: 04/11/2020

Resultado: 10

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Débora Inácia Ribeiro

Universidade de Taubaté

Assinatura 

Prof. Dr. Régis de Toledo Souza

Universidade de Taubaté

Assinatura: 

Esta pesquisa é dedicada à todas as pessoas gordas que tiveram a coragem de denunciar as opressões que sofremos, que não se calaram diante da estigmatização e que, por consequência, me inspiraram a fazer o mesmo. Muito obrigado.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço ao meu pai, Airton, pois sem ele eu não teria a oportunidade de sustentar o ensino superior; e à minha mãe, Sueli, que desde quando me conheço por gente se interessa pela psicologia e me fez, através dos livros e dos filmes, me interessar pela grande complexidade da mente humana.

Agradeço à minha orientadora, Professora Dr^a Débora Inácia Ribeiro por todos os anos desde as aulas, até aos primeiros contatos mais profissionais em supervisão clínica e aos contatos de orientação desta pesquisa. Cada mensagem trocada, cada vídeo-chamada aberta, cada palavra dita foram de grande estima para mim. Você tem um jeito especial de lidar com os alunos que me cativa, a sua humanidade é além de tudo que se possa explicar e eu me sinto honrado de tê-la como orientadora em uma pesquisa tão importante para mim.

Agradeço ao professor Dr. Régis de Toledo Souza, não sei o que eu estaria fazendo hoje se não fosse pelos grandiosos ensinamentos político-críticos que devemos ter sobre a nossa sociedade, sobre os sistemas de poder e sobre nós mesmos em meio a esses jogos de forças. Obrigado por sempre instigar o questionamento sobre tudo, e me lembrar do meu lugar no mundo enquanto ser-humano e enquanto futuro psicólogo.

Aos meus grandes amigos Patrick, Maria, Camila, Camilo, Bruno, Anaju, Gabi, Vini, Letícia, Larissa, Lucas, Yann, Citor e Carol. Obrigado pelos anos de amizade, por crescerem comigo, por me apoiarem quando eu achei que não ia conseguir, por estarem lá por mim nos momentos de necessidade, de choro, de desespero, mas também nos inúmeros momentos de felicidade e realização. Também me sinto muito honrado de ter feito parte desses momentos com todos vocês.

E ao meu namorado, José, que me acompanha a quatro anos, praticamente desde o início de minha trajetória na psicologia. Que me acompanhou nas inseguranças acadêmicas e sempre esteve disposto a me levantar nos momentos certos e me fazer acreditar no potencial que hoje eu sei que tenho. É graças a você que hoje eu estou aqui, realizando essa pesquisa que muito me trouxe incertezas e medos em relação à recepção dela pela academia. Você me dá forças para abrir as portas que eu sempre tenho medo abrir e eu te amo cada vez mais por ser esse parceiro, e me sinto feliz de poder fazer o mesmo por você sempre.

RESUMO

O que motivou esta pesquisa foi a seguinte questão: De que forma a vivência da gordofobia influencia os processos identitários? Através dos métodos exploratório e descritivo, e com a intenção de explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos, a pesquisa, de cunho qualitativo, objetivou investigar como se deu o processo de construção identitária de um indivíduo gordo ao longo de sua trajetória. Para isso, foi utilizado o instrumento de entrevista baseado no método de história de vida pela forma como esse método possibilita a abertura de novas interpretações e elaborações das vivências do indivíduo, culminando em uma análise de conteúdo. Por meio das análises, é possível afirmar a Gordofobia como uma opressão estrutural e institucionalizada, fazendo com que possamos afirmar que a Gordofobia influencia no processo identitário de uma pessoa gorda. Isso pode ser vivenciado e internalizado de formas positivas e negativas a depender do sujeito e de suas relações com o mundo e consigo mesmo ao longo de sua história de vida. Essas relações dizem respeito à qualidade do olhar do sujeito para seu corpo e sua auto-imagem que podem ser influenciados de forma positiva quando o sujeito passa a conhecer movimentos sociais pelos quais ele pode se identificar, formando aglutinações maiores nesse sentido onde é possível a abertura de diálogos críticos sobre a opressão vivenciada e luta por direitos frente a ela.

Palavras chave: Psicologia, gordofobia, Processo identitário, imagem corporal

ABSTRACT

What motivated this research was the following question: How does the experience of fatphobia influence the identity processes? Through exploratory and descriptive methods, and with the intention of exploring real life situations whose limits are not clearly defined, the research, of a qualitative nature, aimed to investigate how the process of identity construction of a fat individual took place along of its trajectory. For this, the interview instrument based on the life history method was used due to the way this method allows the opening of new interpretations and elaborations of the individual's experiences culminating in a content analysis. Through the analysis, it is possible to affirm fatphobia as a structural and institutionalized oppression, making it possible to affirm that fatphobia influences the identity process of a fat person. This can be experienced and internalized in positive and negative ways depending on the person and its relationship with the world and with itself throughout the life history. These relationships are related to the quality of the person's look at its body and self-image that can be positively influenced when the person comes to know social movements by which it can identify with, forming greater agglutinations, where it is possible to open critical dialogues about the oppression experienced and the struggle for rights in the face of it.

Keywords: Psychology, fatphobia, Identity process, body image.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Vênus de Willendorf	22
FIGURA 2 – Bacchus de Peter-Paul Rubens	23
FIGURA 3 – Praça das gordinhas	24
FIGURA 4 – MC Carol	25
FIGURA 5 – Performance “Peso Bruto” de Jussara Belchior	25
FIGURA 6 – Bia Gremion por Bob Wolfenson	26
FIGURA 7 – Espetáculo “Gordofolia”	27
FIGURA 8 – Flávia Durante, idealizadora da feira “Pop Plus”	28

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
1.1 Problema	13
1.2 Objetivos.....	13
1.2.1 Objetivo geral	13
1.2.2. Objetivos específicos.....	13
1.3 Justificativa	13
2. REFERENCIAL TEÓRICO	15
2.1 A construção social do corpo	15
2.2 Construção identitária	16
2.3 O ativismo virtual como movimento social organizado	17
2.4 Gordofobia	18
2.5 Valorização do corpo gordo: Dos anos 60 à atualidade	20
2.5.1 Artes	23
2.5.2 Música	24
2.5.3 Dança	25
2.5.4 Fotografia	26
2.5.5 Teatro	27
2.5.6 Moda	27
3. METODOLOGIA	29
3.1 Delineamento.....	29
3.2 População/Amostra	30
3.3 Instrumento de coleta de dados.....	30
3.4 Procedimento para coleta de dados	31
3.5 Metodologia de análise de dados	31
4 RESULTADOS	33
4.1 Análise da entrevista auto-biográfica	33
4.1.1 Seguindo a tradição	33
4.1.2 Rompendo padrões	35
4.1.3 Construindo a autoimagem	36
4.1.4 Vivência da gordofobia	37
4.1.5 Conhecendo os movimentos sociais de valorização do corpo gordo	40
4.1.6 Reconstruindo a identidade.....	41

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS.....	46

1. INTRODUÇÃO

O corpo, como proposto por Vasconcelos *et. al.* (2004), nos escapa a duplo sentido por se tratar de um corpo que nos é dado sem que sejamos consultados, e um corpo que nos é exigido pela instância social pautadas em diferentes épocas e culturas. Este trabalho visa um maior entendimento do corpo gordo e do corpo como objeto político de lutas sociais. O corpo gordo, ao violar a norma social vigente, torna-se um paradigma estético negativo que causa tensão e ajustes entre dois fortes imperativos contemporâneos: “seja magro, saudável e desejável aos olhos dos outros” versus “seja autêntico, não se importe com as opiniões dos outros” (VASCONCELOS *et. al.*, 2004; VAZ *et. al.*, 2018).

A relação entre autenticidade e autoestima, demonstra que “a necessidade de amar a si mesmo jamais pareceu tão premente” quanto na atualidade (FREIRE FILHO, 2011, p.718). Em relação ao movimento de reafirmação da própria identidade, sua autenticidade e sua autoestima, o indivíduo gordo encontra um obstáculo: a gordofobia. Segundo Vaz *et al.*, a gordofobia pode ser resumida como uma aversão à gordura. Podendo ser manifestada no desprezo social de pessoas consideradas gordas, ou pelo sentimento de pavor que os sujeitos possuem de engordar, ou pela tristeza que as próprias pessoas gordas enfrentam devido à sua condição física.

Em decorrência disso, é de extrema importância o entendimento da construção de identidade dos indivíduos gordos uma vez que um processo positivo nesse sentido pode estimular o desenvolvimento saudável da autoestima já que, como proposto por Erikson (1972), a identidade é uma concepção de si mesmo, composta de valores, crenças e metas com os quais o indivíduo está solidamente comprometido. Na atualidade, os principais movimentos sociais atuam por meio de redes sociais, locais, regionais, nacionais e internacionais ou transnacionais, e utilizam-se muito dos novos meios de comunicação e informação, como a internet que têm construído representações simbólicas afirmativas. Esses movimentos criam identidade para grupos antes dispersos e desorganizados, e, ao realizar ações, projetam em seus participantes sentimentos de pertencimento social. Aqueles que eram excluídos passam a se sentir incluídos em algum tipo de ação de um grupo ativo, como elucidado por Gohn (2011).

1.1 Problema

De que forma a vivência da gordofobia influencia os processos identitários?

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo geral

Investigar como se deu o processo de construção identitária de um indivíduo gordo ao longo de sua história de vida.

1.2.2. Objetivos específicos

- Identificar as etapas de construção identitária de um indivíduo.
- Investigar os sentimentos de um indivíduo gordo frente à sua imagem corporal.
- Investigar como se dá a construção da auto-imagem de um indivíduo gordo.
- Compreender os novos movimentos sociais de valorização do corpo gordo.

1.3 Justificativa

Como apresentado por Vaz *et. al.* (2018), uma busca no Google pelo termo “gordofobia” até dezembro de 2009 encontraria menos de 800 resultados. Entre janeiro de 2010 e dezembro de 2013, esse número subiu para perto de oito mil resultados. Para o mesmo intervalo de tempo, a busca entre janeiro de 2014 até dezembro de 2017 retornou um total de quase 50 mil resultados. Para esses autores, a acusação externa sobre o gordo como alguém que, além de doente, é moralmente responsável pela sua condição dá lugar aos relatos autobiográficos sobre a experiência de sofrimento causada pelo preconceito daqueles que o acusam.

Portanto, através das vivências pessoais do autor desta pesquisa, e da emergência dos diálogos sobre libertação dos corpos e lutas anti-gordofobia na internet, principalmente por meio de redes sociais, é visível a necessidade de se iniciar uma articulação entre esse movimento social emergente e o fazer ciência já que, de acordo com Gohn (2011), os movimentos sociais realizam diagnósticos sobre a realidade social, constroem propostas e constituem e desenvolvem empoderamento

de atores da sociedade civil organizada à medida que criam sujeitos sociais para essa atuação em rede.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A construção social do corpo

Em sua obra “A sociologia do corpo”, ao afirmar que a existência é essencialmente corporal, David Le Breton (2012) se propõe a categorizar o corpo como produtor de sentidos, inserindo o homem de forma ativa no interior de contextos culturais e sociais, sendo também moldado por esses contextos. Segundo o autor, “o corpo é um vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída” (LE BRETON, 2012, p.7). Dessa forma, do corpo:

[...] nascem e se propagam as significações que fundamentam a existência individual e coletiva; ele é o eixo da relação com o mundo, o lugar e o tempo nos quais a existência toma forma através da fisionomia singular de um ator. Através do corpo, o homem apropria-se da substância de sua vida traduzindo-a para os outros, servindo-se dos sistemas simbólicos que compartilha com os membros da comunidade (LE BRETON, 2012, p.7).

Para Michel Foucault, “o corpo está preso no interior de poderes muito apertados que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações” (FOUCAULT, 1987, p.118). Para o autor, o corpo passa – a partir do Séc. XVIII – a sofrer investidas de técnicas de controle que exercem sobre ele uma coerção sem folga com a intenção de estabelecer o corpo no mesmo nível da mecânica tanto em seus movimentos, quanto nos seus gestos, suas atitudes e sua rapidez. Essa ideia da mecanização do corpo é também articulada por Le Breton (2012) ao dizer que alguns valores da modernidade foram atribuídos ao corpo, como por exemplo a comparação deste às máquinas. Breton ainda conclui que o corpo passou a ser classificado como uma máquina falha, que envelhece e comete erros, precisando de consertos o que é de grande valia para a medicina moderna, que trata o corpo como um conjunto de órgãos que precisam ser regulados para não falhar.

Desta forma, Woodward (2014) vem a nos dizer que o corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos, servindo de fundamento para a identidade.

2.2 Construção identitária

De acordo com Mattos (2007), “O corpo, no século XX e XXI, tornou-se um referencial privilegiado para a construção das identidades pessoais. O que somos e o que devemos ser passou a ser definido a partir de nossos atributos físicos” (MATTOS, 2007, p. 158). Goldenberg e Ramos (2002), afirmam ainda que os meios tradicionais de produção de identidade (família, religião, política, trabalho, etc.), inseridos em um contexto social e histórico instável e mutante, se encontram enfraquecidos, proporcionando que muitos indivíduos ou grupos apropriem-se do corpo como meio de expressão, ou representação, do eu. Tal pensamento dos autores citados, pode ser embasado segundo a teoria da crise de identidade proposta pelo sociólogo Stuart Hall (2019) em sua obra “A identidade cultural na pós-modernidade”. Segundo o autor:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um "sentido de si" estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento -descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos - constitui uma "crise de identidade" para o indivíduo. (...) Esses processos de mudança, tomados em conjunto, representam um processo de transformação tão fundamental e abrangente que somos compelidos a perguntar se não é a própria modernidade que está sendo transformada (HALL, 2019, p.10).

Ainda sobre a identidade, Woodward (2014) propõe esta como sendo de base relacional, vinculada a condições materiais e sociais. Para a autora, se um grupo é simbolicamente marcado como tabu, terá efeitos reais pois o grupo será socialmente excluído e terá desvantagens materiais. Logo, para um grupo desviante que tem como objetivo o enfrentamento das imposições que são postas a ele por conta de seu “desvio”, a possibilidade de conhecer e se identificar com outras pessoas que passavam pelos mesmos problemas é o ponto inicial na organização do próprio grupo e do fortalecimento de sua identidade (RANGEL, 2018).

2.3 O ativismo virtual como movimento social organizado

Antes de qualquer coisa, é necessário definir o que consideremos como “movimento social”. Aqui, será utilizado como base a definição dada por Gohn (2011, p.335), que traz a questão dos movimentos sociais como sendo “ações sociais coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam formas distintas de a população se organizar e expressar suas demandas”. A autora também diz que essas formas de organização e expressão social empregam diferentes mecanismos para se fazerem vistos e ouvidos por meio de denúncias das diferentes realidades sociais expressas pelos mais diferentes movimentos. Ainda, para Gohn (2011), os movimentos sociais: “tematizam e redefinem a esfera pública, realizam parcerias com outras entidades da sociedade civil e política, têm grande poder de controle social e constroem modelos de inovações sociais” (GOHN, 2011, p.337). Essas definições entram em consonância com a definição para “ativismo” de Jimenez-Jimenez (2020): “O ativismo deve modificar, transformar e influenciar processos e resultados sociais e políticos” (JIMENEZ-JIMENEZ, 2020, p.170).

Essa relação entre ativismo e movimento social pode projetar nos indivíduos que participam dessas ações um sentimento de pertencimento social, uma vez que aqueles que eram excluídos passam a sentir-se incluídos nas ações de um grupo ao qual se sentem pertencentes (GOHN, 2011). Com a ascensão das redes de internet e das redes sociais, o ativismo social tornou-se presente também online, sendo a internet veículo principal de disseminação de informações e trocas de vivências entre grupos sociais antes excluídos e “esquecidos”, como aponta Jimenez-Jimenez (2020):

O uso das redes facilitou canais de informações; sem filtros de mediadores convencionais como autoridades ou mídias, muitos movimentos migraram para a internet e outros se constituíram dentro dela. Esse todo em constante ebulição é denominado ciberativismo, entendendo diversas atividades, ações e informações consideradas por grupos ou individualmente como ativismo social. (JIMENEZ-JIMENEZ, 2020, p.171)

Ao falarmos dessas redes online de ativismos, podemos citar o filósofo Pierre Levy. Esse autor desenvolve o conceito da existência de um espaço cibernético sendo utilizado como novo meio de comunicação nos anos 2000, fruto das conexões de redes de internet. Neste sentido, a própria internet é vista como uma cultura virtual, entendida como um movimento social, criado e utilizado por jovens que constroem

comunidades virtuais, expressões em grupo e interesses coletivos (LEVY, 2000 apud JIMENEZ-JIMENEZ, 2020, p171). Nesse sentido, ao falarmos especificamente sobre o ativismo gordo (o ativismo anti-gordofobia), foco desde trabalho, podemos entender que a internet:

[...]não se trata de apenas mais um meio de comunicação para os/as ativistas gordos/as, mas de “um espaço de relação social” (SEGATA, 2016) em que ocorrem discussões e deliberações relacionadas ao ativismo gordo bem como o estabelecimento de laços entre pessoas gordas que provavelmente não teriam a mesma oportunidade de troca de experiências e informações nessa escala se não fosse pela internet. (RANGEL, 2018, p.57-68)

A interação entre pessoas gordas, o desenvolvimento da aceitação da própria identidade gorda rompendo com o ideal social de que este corpo retrata uma identidade desviante, permite o início de uma articulação e organização desses indivíduos em relação aos direitos que buscam conquistar e da norma que buscam contestar. “Assim ocorreu com outras minorias políticas como os negros, os indígenas, os gays, as lésbicas, os/as transexuais, as mulheres, dentre outros” (RANGEL, 2018, p.58).

2.4 Gordofobia

Goldenberg e Ramos (2002) propõem que os indivíduos inseridos em relações interativas sociais, buscam desempenhar seus papéis sociais e procuram agenciar as impressões que transmitem aos outros o que ajuda na reflexão sobre o culto ao corpo na sociedade brasileira. Tal proposição, se adequa ao texto de Marina Bastos Paim (2019) intitulado “Os corpos gordos merecem ser vividos” no momento em que a autora determina que:

[...] a gordofobia opera como um sistema de opressão, e se refere à discriminação que as pessoas gordas estão submetidas, desde humilhação, inferiorização, ridicularização, patologização e exclusão. A sociedade gordofóbica observa um corpo gordo e julga o estado de saúde e hábitos dessa pessoa a partir desse viés. Considera-a doente, incapaz de tomar decisões sobre sua própria vida, acredita que precisa ser reeducada e merece ser discriminada como forma de incentivo para emagrecer (PAIM, 2019, p.02).

Acerca dos estudos sobre a gordofobia, Rangel (2018) aponta que o termo enquanto conceito ainda é embrionário nos estudos sociais brasileiros, mesmo que os estudos sobre corporalidade já tenham tradição no país, problematizando a questão do corpo e suas relações com a esfera social. Rangel ainda propõe em seu trabalho sua conceituação de gordofobia. Para a autora, “a gordofobia é utilizada para denominar o preconceito, estigmatização e aversão englobados por meio de uma opressão estrutural na sociedade que atinge as pessoas gordas na sociedade” (RANGEL, 2018, p.19) e explica que por opressão estrutural, entende-se a opressão/exclusão sustentada em grandes âmbitos da sociedade civil como saúde, mercado de trabalho, vestuário e acessibilidade.

Tendo isso em vista, Carvalho (2018) ao se propor analisar como as representações e identidades dos corpos gordos se modificam quando interseccionadas a marcadores sociais, cita o termo *Fat Studies*, o termo se trata de um conjunto de estudos que se objetivam a investigar as razões pelas quais a cultura ocidental tem de modo recorrente se preocupado com o peso, tendo em vista que pessoas, independentemente do seu peso, possuem atitudes negativas contra as pessoas gordas (mais fortemente ligadas ao corpo gordo feminino). Ainda para a autora, uma análise dos *Fat Studies* “se desvincula da visão médica da perda de peso, repensando a relação entre corpo e saúde, pois desconstrói a visão de que o corpo magro é a única possibilidade de ter saúde” (CARVALHO, 2017, p.34). Segundo ela, esses estudos promovem outras possibilidades de relacionar os corpos gordos a outros (gordos ou não), principalmente redefinindo a concepção de saúde, relacionando tal concepção a uma noção de bem-estar emocional e espiritual, além da concepção exclusivamente física. Para Mattos (2007), a crítica à saúde perfeita é relevante quando se pretende criticar o modelo de saúde perfeita do sujeito contemporâneo, “modelo este que valoriza um corpo magro, sem erros, sem escoriações, sem falhas, sem imperfeições. Corpo virtual por excelência” (MATTOS, 2007, p.154). Ainda, Poulain (2013), ao analisar a construção social da obesidade, traz uma percepção de que sim, muitas doenças afetam as populações de diversas formas, mas que em relação à obesidade (ou seja, ao corpo gordo) as implicações sociais são diferenciadas pois a estigmatização tende a transformar as vítimas em culpadas, constituindo um fator de agravamento.

A pesquisadora Jimenez-Jimenez (2020, p.59) coloca a Gordofobia como “uma estigmatização porque ela exclui as pessoas gordas do direito de ir e vir, do direito

sobre os próprios corpos, de estar em espaços públicos e/ou privados”. Ainda para Jimenez-Jimenez (2020):

Ser uma pessoa gorda em nossa sociedade é perder direitos, direitos até bastante corriqueiros para quem os tem e, por isso, muitas vezes, passam até despercebidos, como sentar numa cadeira confortável no restaurante, ser tratada com dignidade e humanidade pela equipe médica, usar os transportes públicos com confiança e comodidade. A gordofobia tira todos esses direitos do indivíduo gordo e o culpa por isso. (JIMENEZ-JIMENEZ, 2020, p.61)

Para a autora, a gordofobia é tão profunda, quando se discute a acessibilidade para essa parcela da população, “que acaba acontecendo uma grande confusão entre acessibilidade (e, portanto, dignidade) e apologia à obesidade”. Logo, podemos observar que não existe uma preocupação com essa questão da acessibilidade para uma população que representam mais da metade de habitantes do mundo, e a autora alerta para essa falta de acesso da população, pois essa negligência pode ser perigosa e mortal pois o indivíduo gordo ao realizar a simples atividade de se consultar em um serviço médico é frequentemente negligenciado desde o momento da queixa de suas enfermidades (JIMENEZ-JIMENEZ, 2020, p.62).

Para Walker (2017, apud JIMENEZ-JIMENEZ, 2020, p.63), “são inúmeros os casos de pessoas gordas que morrem com doenças fatais, por não serem diagnosticadas a tempo”. Segundo a autora, assim que um indivíduo gordo entra pela porta de em consultório médico para ser atendido, reclamando de algum sintoma, automaticamente recebe um diagnóstico certo de obesidade e é recomendado a apenas emagrecer, o que caracteriza uma negligência médica. Segundo a mesma autora:

Essas negligências médicas inclusive, são as raízes do ativismo gordo, que nasceu nos Estados Unidos, vinculado ao movimento hippie e feminista, no final dos anos 70 e início dos anos 80, conhecido como *Fat Underground*, surgiram depois do falecimento da cantora Cass Elliot, considerada uma morte ocasionada por negligência médica. (DEAN e BUSS, 1975 apud JIMENEZ-JIMENEZ, 2020)

2.5 Valorização do corpo gordo: Dos anos 60 à atualidade

Tratando-se do ativismo gordo, Lupton (2013, apud RANGEL, 2018, p.49) diz que “um dos marcos do ativismo gordo estadunidense foi a criação da NAAFA –

National Association to Advance Fat Acceptance (Associação Nacional para o avanço da aceitação da gordura/dos(as) gordos(as) em 1969)” tal associação é ativa até os dias atuais nos Estados Unidos e atua na luta pelos direitos civis de pessoas gordas. Em 1973, duas ativistas feministas gordas criaram o chamado “*Fat Liberation Manifesto*”, inspiradas na criação da NAAFA. As autoras do manifesto, Judy Freespirit e Aldebaran, escreveram em nome das pessoas gordas – sobretudo, das mulheres gordas – como forma de movimentação política contrária ao discurso médico dominante, como uma forma de conduzir o início de uma crítica à patologização do corpo gordo e busca por direitos de acessibilidade nos espaços públicos e privados, fazendo sempre um discurso diretamente crítico ao sistema capitalista como aliado às formas de opressão sobre corpos e, em específico, à pessoas gordas (RANGEL, 2018). Judy Freespirit e Aldebaran relatam no “*Fat Liberation Manifesto*”:

1. Acreditamos que pessoas gordas têm todo o direito ao respeito e ao reconhecimento humano.
 2. Estamos zangadas com o mau tratamento devido a interesses comerciais e sexistas. Esses têm explorado nossos corpos como objetos do ridículo, criando assim um mercado imensamente lucrativo que vive de vender a falsa promessa que esse ridículo pode ser evitado ou aliviado.
 3. Vemos nossa luta como aliada de outros grupos oprimidos contra classicismo, racismo, sexismo, etarismo, exploração financeira, imperialismo e outros.
 4. Exigimos direitos iguais para pessoas gordas em todos os aspectos da vida, conforme prometido pela Constituição dos EUA. Exigimos igual acesso a bens e serviços na esfera pública, e um fim à discriminação contra nós nas áreas de emprego, educação, instalações públicas, e serviços de saúde.
 5. Destacamos como nosso principal inimigo a assim chamada indústria de “redução”. Esta inclui clubes de dieta, spas, fármacos de dieta, livros de dieta, comida de dieta, suplementos de comida, procedimentos cirúrgicos, inibidores de apetite, drogas e equipamentos de redução. Exigimos que essa indústria se responsabilize pelas suas promessas falsas, reconheça que seus produtos são perigosos à saúde pública, e publique estudos de longo prazo provando qualquer eficácia estatística dos seus produtos. Fazemos essa exigência sabendo que mais de 99% de todos os programas de perda de peso, quando avaliados num período superior a cinco anos, fracassam totalmente, e também sabendo dos perigos extremos e comprovados de mudanças frequentes no peso.
 6. Nós repudiamos a “ciência” mistificada que falsamente afirma que somos impróprias. Isso tem criado e mantido discriminação contra nós, em conluio com os interesses financeiros das empresas de seguro, da indústria da moda, das indústrias de redução, das indústrias de comida e medicamentos, e das instituições médicas e psiquiátricas.
 7. Recusamos ser subjugadas aos interesses de nossos inimigos. Queremos retomar o poder sobre nossos corpos e nossas vidas. Estamos comprometidas a buscar esses objetivos juntas.
- PESSOAS GORDAS DO MUNDO, UNÍ-VOS! VOCÊS NÃO TÊM NADA A PERDER... (FREESPIRIT e ALDEBARAN, 1979, p.18).

Segundo Rangel (2018, p.51), esse manifesto, que dialoga com uma interpretação marxista do capitalismo, “demonstra já o esforço de interconexão da luta pela libertação das pessoas gordas com outras lutas consideradas da esquerda política, a favor de minorias políticas”. A autora também coloca que, após esses movimentos reivindicatórios, o movimento feminista, “passou a problematizar a questão da pressão estética sobre o corpo da mulher, e assim, influenciou na distinção sobre a opressão que sofrem as mulheres gordas”.

Ainda para Rangel (2018, p.86), “apesar de grande parte do ativismo se concentrar e se articular pela internet, existem diversas modalidades de ativismo gordo que podem ser elencadas a partir da pesquisa de campo”. Outra modalidade que se articula com a questão da militância gorda é, segundo Nechar (2018), a arte. Para a autora, a arte sempre esteve em posição de luta pela quebra de padrões sociais como “uma forma inesgotável de manifestações políticas ou não em prol dos corpos diferenciados” (NECHAR, 2018, p.05) e destaca que existem vários exemplos desse movimento histórico de historiar o corpo, exemplificando com a escultura que retrata uma mulher gorda “Vênus de Willendorf”, datada de mais de 25 Mil anos.

Figura 1 - Vênus de Willendorf



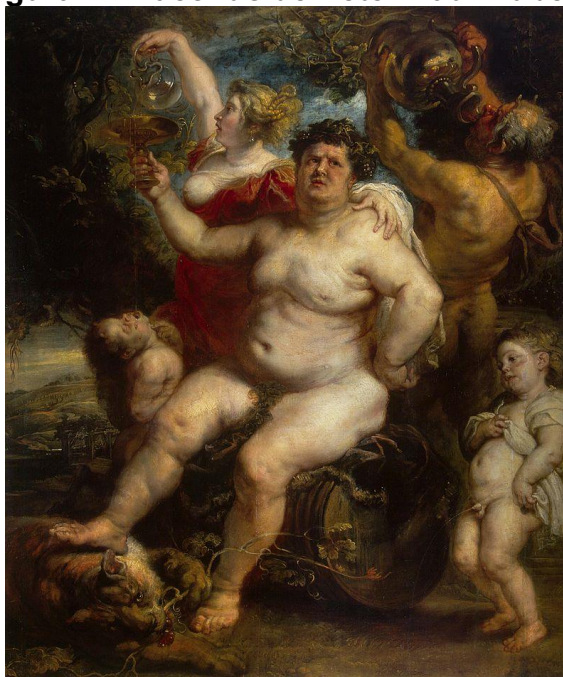
Fonte: InfoEscola

Aqui, explicitarei com base em produções das duas pesquisadoras (RANGEL, 2018 e NECHAR, 2018) algumas representações do corpo gordo nas mais diversas esferas sociais, sendo elas: artes, música, dança, fotografia, teatro e moda.

2.5.1 Artes

Nechar (2018), ao falar sobre o corpo gordo na arte, traça uma reflexão histórica ao pontuar que, no século XVI, por exemplo, o corpo gordo/volumoso se destacava como um padrão de beleza, ou seja, o corpo gordo não era visto como um problema social, mas sim como um corpo digno de prestígio e retratado em obras de arte, como é o caso das obras de Peter-Paul Rubens.

Figura 2 - Bacchus de Peter-Paul Rubens



Fonte: Wikipedia

Fazendo uma análise atual do corpo gordo nas artes, a autora ainda retrata novos artistas que têm desempenhado um papel muito importante para a valorização do corpo gordo na atualidade, onde os paradigmas sociais e padrões de beleza são outros em relação ao século XVI: Maria Fernanda Vilela de Magalhães, segundo Nechar (2018, p. 06), faz uso do próprio corpo para produzir suas obras, para a autora, além de isso demonstrar uma certa rebeldia em relação ao padrão estético, também “indica um enfrentamento social diante das questões estéticas do corpo” (p.06).

Destaca também a artista plástica baiana Eliana Kertész, conhecida pelas suas esculturas na orla de Salvador que compõem a chamada “praça das gordinhas”. Também demonstra o trabalho do artista Eduardo Santos. Conhecido no Instagram como “Edull”, o designer cria apenas mulheres gordas com traços de estilo anime e mangá. Teve um reconhecimento na internet, principalmente no Instagram por reproduzir as princesas da Disney como princesas gordas, mas também faz suas versões de blogueiras e artistas gordas.

Figura 3 - Praça das Gordinhas



Fonte: Alô alô Bahia

2.5.2 Música

Rangel (2018, p.86) cita o estilo musical do Rap como “um poderoso instrumento de contestação do status quo”, apresentando ao leitor a dupla “Rap Plus Size” que tá visibilidade para mulheres gordas através da música compondo letras críticas que tratam da pressão estética, do padrão corporal e do discurso médico opressor e estigmatizante. A autora também cita a funkeira “MC Carol” pois a cantora se utiliza de aspectos da militância para falar em suas letras sobre aceitação e respeito do corpo feminino e de feminismo. Para a autora, as cantoras criam, através de suas músicas e representatividades, “uma nova forma de categorizar a realidade com potencial transformador de sua percepção” (RANGEL, 2018, p.88).

Figura 4 - MC Carol

Fonte: Hypeness

2.5.3 Dança

Para Rangel (2018, p.89), ao falarmos de pessoas gordas em espaços específicos, nos deparamos com a existência de espaços simbolicamente vedados ao uso e existência de pessoas gordas. São espaços “em que há exibição do corpo e/ou ligados à sensualidade. A profissão de bailarina é um desses espaços majoritariamente ocupados por pessoas magras”. Rompendo com esse padrão da negação do corpo gordo ao espaço da dança, a bailarina Jussara Belchior se destaca como artista performática que tenta, com a dança, desconstruir esses padrões de exclusão através de seu espetáculo “peso bruto”. Em uma matéria para o Estadão Cultura, Perniciotti (2017) coloca a performance da artista como uma maneira de conversa sobre os lugares onde o corpo gordo pode existir, propondo com isso, um deslocamento de olhares sobre essa questão. E continua ao concluir que o trabalho de Jussara levanta consigo uma discussão importante tanto do ponto de vista artístico, quanto do ponto de vista político.

Figura 5 – Performance “Peso Bruto” de Jussara Belchior

Fonte: SESC-SC

2.5.4 Fotografia

Rangel (2018, p.91) coloca que projetos de fotografia com pessoas gordas revelam formas de corpos de maneira sensível, o que acaba transformando “o olhar para o corpo gordo geralmente escondido e negado”. Para a autora, o olhar sensível tem o poder de modificar a visão de beleza ideal criada por muitas pessoas a partir da disseminação e interiorização da cultura do padrão de beleza ideal.

Em 2019, o Instituto Tomie Ohtake – espaço na cidade de São Paulo que tem como premissa principal realizar mostras nacionais e internacionais de artes plásticas, arquitetura e design e que desenvolve, desde a sua fundação, ampla pesquisa no ensino da arte contemporânea –, realizou o projeto “Corpos Livres” em parceria com o Instagram e os fotógrafos Bob e Helena Wolfenson. O projeto, segundo o Próprio Instituto Tomie Ohtake (2019), teve como ação principal celebrar “a diversidade de vozes e corpos dentro de uma das comunidades de apoio mais poderosas do Instagram no Brasil”, expondo diariamente fotos e vídeos das Influenciadoras Digitais Alexandra Gurgel, Thais Carla, Luci Gonçalves, Isabella Trad, Juliana Romano, Mayara Efe, Bia Gremion e Rita Carreira. Segundo o Instituto, o projeto Corpos Livres “alinha-se a iniciativas do Instituto Tomie Ohtake voltadas ao debate e revisão crítica de narrativas historicamente invisibilizadas no campo da arte e à criação de espaços de valorização da diversidade”.

Figura 6 - Bia Gremion por Bob Wolfenson



Fonte: Instituto Tomie Ohtake

2.5.5 Teatro

O grupo de teatro “Gatos Gordos”, fundado em 2017, “busca por meio de apresentações teatrais questionar os padrões de beleza e opressões sofridas por pessoas gordas” (RANGEL, 2018, p.92). No ano de 2018, o grupo realizou o lançamento do espetáculo “Gordofolia”, patrocinado pelo Programa de Ação Cultural do Estado de São Paulo. “Este espetáculo busca denunciar a partir de vivências de pessoas gordas, atrizes e atores do próprio espetáculo, os preconceitos sofridos no cotidiano de pessoas gordas de uma forma leve e bem-humorada” (RANGEL, 2018, p.92). Em crítica jornalística para o jornal O Vale, Carleto (2018, p.01) descreve o espetáculo como um desenrolar de cenas e falas que, ao fim, deixa claro o recado a ser transmitido para o público: “toda e qualquer pessoa merece ser aceita e amada, como é, e como deseja ser. E cada qual com sua característica pode brilhar, sem que para isso necessite ofuscar alguém ou determinadas perspectivas diferentes das suas”.

Figura 7 - Espetáculo "Gordofolia"



Fonte: O Vale

2.5.6 Moda

Para Rangel (2018), ao falarmos sobre acessibilidade, falamos também sobre a disponibilização de peças de vestuário que sirvam corpos gordos e possibilitem a livre locomoção e liberdade em relação à lazer, dia-a-dia, trabalho, diversão, etc, para todas as situações da vida cotidiana. A autora, ao citar o crescimento e criação de novas marcas que produzem roupas exclusivamente para corpos gordos, coloca que

esse movimento significa “disponibilizar roupas que sirvam e que façam com que pessoas gordas se sintam bem e na moda é o que vem ocorrendo no momento corrente” (RANGEL, 2018, p.92). A autora ainda expõe que atualmente, no Brasil, existem grandes eventos de moda *plus size* que ocorrem com periodicidade no país. São eles: Hashtag Bazar, Pop Plus e Big Bazar.

Figura 8 - Flávia Durante, idealizadora da feira "Pop Plus"



FONTE: SP da Garoa

3. METODOLOGIA

3.1 Delineamento

Como descritas por Gil (2017), as pesquisas podem ser classificadas de diferentes maneiras. Para que esta classificação seja coerente, é necessário definir previamente o critério adotado, dessa forma, será possível estabelecer diversos sistemas de classificação e defini-los segundo a área de conhecimento, a finalidade, o nível de explicação e os métodos adotados.

Levando em conta o objetivo geral para a realização da presente pesquisa, optou-se pela pesquisa de caráter exploratório e descritivo. A primeira, por conta da finalidade de desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias; a segunda por conta de seu fator de descrição de características de determinada população ou fenômeno, a investigação da existência de relações entre variáveis e a natureza dessas relações. (GIL, 2017).

O delineamento empregado nesta pesquisa foi o estudo de caso, que segundo Gil (2002), trata-se de uma modalidade de pesquisa amplamente utilizada nas ciências sociais. Consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos casos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento. Portanto, tem a intenção de explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos; preservar o caráter unitário do objeto estudado; descrever a situação do contexto em que está sendo feita a investigação; formular hipóteses; e explicar as variáveis envolvidas num determinado fenômeno (GIL, 2002).

A pesquisa configura-se, ainda, como qualitativa, pois segundo Gil (2002), ela depende de muitos fatores como a natureza dos dados coletados, os instrumentos de pesquisa, a extensão da amostra, e os pressupostos teóricos que fundamentam a pesquisa. Esse tipo de pesquisa busca compreender os fenômenos, de modo a articular o que deve ser feito, entretanto, não quantifica os valores e trocas, e também não faz experimentos para a verificação do fenômeno pesquisado. A pesquisa qualitativa preocupa-se com as características presentes na cultura que não podem ser quantificadas, ou seja, seu foco e seu objetivo estão na compreensão e esclarecimento das relações sociais.

3.2 População/Amostra

Para esta pesquisa, foi entrevistada uma mulher, maior de idade, publicamente autodeclarada como participante do ativismo gordo. Para tal, foi seguido os seguintes critérios de inclusão: Mulher, autodeclarada como gorda, autodeclarada como participante ativa do movimento social do gordo-ativismo, e com faixa etária entre 19 e 29 anos. Quanto aos critérios de exclusão: Menor de idade, qualquer pessoa que não tivesse meios de acesso à internet para aplicação da entrevista.

3.3 Instrumento de coleta de dados

Este estudo utilizou, como meio de coleta de dados, a entrevista baseada no método de História de vida pois este método é, segundo Paulilo (1999), considerado instrumento privilegiado para análise e interpretação, na medida em que incorpora experiências subjetivas mescladas a contextos sociais. Portanto, fornece base consistente para o entendimento do componente histórico dos fenômenos individuais, assim como para a compreensão do componente individual dos fenômenos históricos.

Conforme descrito por Nogueira *et. al.* (2017, p.469), as histórias de vida possibilitam a abertura de novas interpretações e elaborações das vivências do indivíduo. De acordo com as autoras, o sujeito narrador da história não se limita a ser um “objeto” de pesquisa. Isso porque as autoras visualizam o método como tendo um caráter terapêutico e ético por conta de sua dimensão interventiva, inscrita na escuta oferecida pelo pesquisador, e no fato de que contar a história é recriá-la; produzir uma leitura sobre as experiências vividas, produzir ressignificações e produzir – a partir disso – uma escrita.

Por conta da ordem nacional de afastamento das atividades práticas em decorrência do COVID-19, a coleta de dados foi realizada através da ferramenta de reunião remota “Zoom” afim de cumprir com as determinações de segurança do Governo do Estado. Isso se deu por conta do atual momento de isolamento e suspensão das atividades presenciais. Esta forma de coleta de dados foi devidamente autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade da data 25/08/2020, através do parecer número 4.235.907.

3.4 Procedimento para coleta de dados

Este trabalho, foi submetido ao Comitê de Ética em pesquisa da Universidade de Taubaté, e recebeu sua aprovação no dia 14/02/2020 sob o parecer número 3.838.941. Também, para que a entrevista fosse realizada, foi confeccionado um termo de consentimento livre e esclarecido, entregue ao entrevistado para segurança pessoal deste em relação às informações passadas ao pesquisador. Esse documento, foi assinado por todas as partes de forma digital, conforme orientações do departamento.

Para colher a história de vida da entrevistada, primeiramente houve a aplicação de uma entrevista focalizada que, de acordo com Gil (2008), enfoca um tema bem específico, no qual o entrevistador permite ao entrevistado falar livremente sobre o assunto tratado. A entrevista base da pesquisa foi de caráter não diretivo como proposto por Nogueira *et. al.* (2017) e foi organizada a partir de uma única questão, adaptada, que possibilitasse o desencadeamento de uma narrativa: “conte-me sua história de vida, da maneira como achar melhor, a fim de expressar quem você é” (ALVES, 2017).

A entrevista foi realizada em uma única sessão, com duração de uma hora e meia. Isso se deu em decorrência da complexidade de se aplicar um método tão extenso e detalhado como o de história de vida, conforme explanado por Nogueira *et. al.* (2017).

3.5 Metodologia de análise de dados

Os dados obtidos nessa pesquisa foram analisados com base no entendimento de como se constituiu a formação da identidade ao longo das vivências da entrevistada com base nas teorias de identidade proposta por Stuart Hall. Segundo o autor, a identificação é um processo de articulação, sempre em construção, precisamente porque as identidades são construídas no interior do indivíduo e, portanto, é necessário que as entendamos como produzidas em locais históricos e institucionais específicos através do jogo de poder e da exclusão, dentro de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias enunciativas específicas (HALL, 2014).

Para realizar a análise dos dados obtidos por meio da entrevista, houve a necessidade do uso de técnicas qualitativas do método da análise do conteúdo. Tais técnicas são explicadas por Campos (2004), como um conjunto de técnicas de pesquisa que investigam o sentido de um documento e é realizada por meio de três fases: A) Pré-análise; B) Categorização; C) Interpretação. Neste sentido, a fase da pré-análise foi composta pela organização do material analisado de forma a torna-lo operacional e sistemático em relação às ideias iniciais. A segunda fase diz respeito a exploração do material com a elucidação de categorias, e é considerada uma etapa importante, tendo em vista que permite ou não a abundância das interpretações e inferências. E a última fase, se refere ao tratamento dos resultados, inferência e interpretação dos dados (OLIVEIRA, 2017, p. 33).

4 RESULTADOS

4.1 Análise da entrevista auto-biográfica

Tendo como base o fato de que, para Ciampa (1987, apud ALVES, 2017, p. 34), a identidade se insere “[...] no processo de formação social que, se dá como metamorfose no movimento histórico em busca da emancipação que constitui o humano concreto em individualidades e coletividades”, aqui passaremos a analisar diretamente a entrevista realizada a fim de atingir os objetivos da pesquisa. Segundo os procedimentos de análise, foram identificadas as seguintes categorias, a partir do conteúdo da entrevista: 1. Seguindo a tradição; 2. Rompendo padrões; 3. Construindo a autoimagem; 4. Vivência da gordofobia; 5. Conhecendo os movimentos sociais de valorização do corpo gordo; 6. Reconstruindo a identidade. Além disso, é importante ressaltar que, embora a compreensão da construção identitária seja tema central da análise de dados, não cabe identificar tal tema em uma categoria específica já que este perpassa todas as categorias analisadas da mesma maneira que perpassa toda a vida da entrevistada. A fase de interpretação será desenvolvida ao longo dos resultados, atrelada à exposição de excertos da entrevista. Para fins de identificação, ao longo do processo de análise, o nome fictício “Anna” será usado para se referir à entrevistada.

4.1.1 Seguindo a tradição

“...eu venho de uma família Hare Krishna né, então já não sou de uma formação tradicional [...] Uma religião, uma filosofia muito rica, mas também, do meu ponto de vista, um pouco castradora em relação, assim, principalmente a mulheres eu acho. [...] uma imposição muito grande de padrões, de comportamentos. [...] crescer aqui foi bem complicado.”

Ao relatar sua experiência na infância, Anna faz pausas, respira profundamente entre as frases e, em alguns momentos, mantém um olhar distante, como se pudesse observar a si mesma no passado. Isso, partindo de um ponto de vista sociológico, significa o preenchimento – pela identidade – entre o mundo pessoal (interior) e o mundo público (exterior) que costura as falas e sensações demonstradas por Anna à

estrutura de sua realidade atual. Nesse sentido, a identidade une Anna e o mundo cultural que ela habitava no passado, tornando ambos reciprocamente unificados e predizíveis. Em suas falas, Anna projeta a si mesma para as identidades culturais de sua tradição original ao mesmo tempo que internaliza seus significados e valores (HALL, 2019, p.11) como podemos observar na seguinte fala:

“...quando eu tinha uns 12 anos, era normal que para você ser uma “boa pessoa”, você ir pra Índia, porque a Índia era como se fosse a Jerusalém dos Hare Krishna [...] aí minha mãe tentou me mandar pra lá. Entrei com processo de passaporte, visto, tudo [...] e eu não conseguia falar que eu não queria ir, eu não conseguia me posicionar em relação a isso.”

Aqui, Anna relata não conseguir encontrar seu poder de posicionamento e no momento do relato também apresenta muita dificuldade para falar sobre o assunto, pausando e novamente vislumbrando o próprio passado com o olhar além. Anna se refere ao primeiro contato com uma ruptura social, uma diferenciação do meio social em que esteve e está historicamente inserida. Isso firma-se nas construções da identidade da mulher que nos relata a história na medida que essa diferenciação é uma marcação simbólica em relação às outras identidades do grupo social em questão. O processo de negação da tradição por parte da entrevistada se desenrola em um efeito real de sentimento de exclusão (WOODWARD, 2014):

“foi eu acho que quando eu tive minha primeira ruptura sabe, de realidade, de conceitos assim. [...] dentro desse contexto, assim, de adolescência, de desespero. Porque eu me senti totalmente rejeitada pela minha família, né, e eu já me sentia muito rejeitada pela sociedade de forma geral. [...] Nessa fase de adolescência eu não me sentia parte de nada.”

Tal como demonstrado por Alves (2017), a subjetividade de Anna se construiu, nesse momento, através de relações nas culturas sociais, uma cultura religiosa, muito tradicional e que, assim como a maioria das tradições religiosas, tenta controlar o corpo feminino em relação ao seu formato ideal, em relação à sua sexualidade, vestimentas, formas de se portar, etc. Nesse sentido, uma vez que rejeita parte do produto social de sua construção subjetiva individual, Anna, conhecendo o significado social desse “ir para a Índia” e rejeitando-o, atribui sentidos pessoais a esse

movimento como os de sentimento de rejeição familiar e de sentir-se sozinha. Entretanto, esse movimento de ruptura da identidade subjetiva que é demonstrada na fala anterior se complementa com o pensamento de Hall (2019), que aponta uma alteração recente nas dinâmicas da personalidade: Anna, que antes era detentora de uma identidade rígida e imutável, passa a vivenciar o processo de fragmentação dessa identidade.

“eu entendi (em psicoterapia) que tava tudo bem ser diferente. Só que daí nessa de tá tudo bem ser diferente, eu comecei a questionar tudo ao meu redor, entendeu. Comecei a questionar tudo, tudo, tudo, tudo. Então as perguntas que eu fazia e as respostas que eu tinha não eram mais suficientes pra mim. As respostas que meus pais me davam já não eram mais suficientes pra mim, então eu comecei a buscar coisas por mim mesma.”

Como um ser com várias identidades que atuam das mais diversas formas nesses mundos internos e externos do sujeito, Anna nos apresenta esse momento posterior às vivências de sentimento de exclusão do grupo social, se mostrando mais determinada a não aceitar apenas as tradições locais, mas a buscar por si mesma suas próprias experiências de vida (HALL, 2019).

4.1.2 Rompendo padrões

“[...] eu comecei a buscar por filósofos que não eram mais filósofos orientais né, então eu fui lê Nietzsche, Schopenhauer, sabe, isso com 14 anos! E aos 14 eu já tava no ensino médio e aí então eu tive mais contato com pessoas mais diferentes, comecei a estudar a filosofia e sociologia na escola, então, tipo, eu comecei a... a abrir um pouco mais meu pensamento e questionar muito, né...”

Ao iniciar esse movimento de questionar muito o mundo e abrir seu pensamento, Anna demonstra um movimento singular da dinâmica da sua identidade, abrindo-se para a possibilidade de vivenciar esta como uma “celebração móvel” que transforma e é transformada continuamente pelos sistemas culturais que a rodeiam, abrindo-se para experienciar filosofias além daquelas com as quais cresceu, pensar as relações sociais de formas diferentes daquelas com as quais estava acostumada a vivenciar (HALL, 1987 apud HALL, 2019).

com 15 anos, muita briga, discussão em casa, e eu querendo estudar, querendo fazer as coisas aí eu fui morar na cidade com uma amiga da minha mãe que era uma pessoa mais velha [...] foi uma das atitudes que me fez crescer muito rápido né, eu tinha 15 anos e tava com a responsabilidade de cuidar de mim mesma.

Neste ponto, podemos experienciar o processo de impulso para o desenvolvimento de Anna, explicitado em sua busca pela autorrealização e pela autonomia. Esse processo natural é a busca e início do entendimento de si e de suas próprias características individuais, não mais pautadas pelas relações comunitárias e religiosas fechadas na comunidade hare-krishna em que vivia anteriormente (RUDIO, 1987).

“A minha família nunca me viu bêbada, eu nunca usei droga, nesse aspecto de convivência difícil, sabe, nunca aconteceu. Mas as brigas aqui em casa... Eu sou uma pessoa que não suporta certas coisas, por exemplo, eu não consigo ouvir que tipo, é normal a mulher sofrer dentro de um relacionamento porque é assim que funciona e porquê é o processo evolutivo dela. Então, depois de um certo tempo eu comecei a ir de frente, sabe e aí eu passei por um processo de nove meses de, vamos dizer assim, novas descobertas. Foi um período que eu saí muito, que eu conheci muita gente, que eu descobri que sou bissexual...”

4.1.3 Construindo a autoimagem

Ao construir a narrativa do período em questão, de autodescobertas sobre a própria identidade, Anna nos leva a uma parte de sua vida em que conheceu um homem mais velho, e conta sobre momentos de abuso sexual sofridos ao longo desse relacionamento e toda a culpa por conta de questões religiosas de seu lar original, até que esse relacionamento se finda. E continua:

“...quando eu terminei com esse meu primeiro namorado, eu tava fazendo muitos questionamentos sobre o meu lugar no mundo. Eu tava começando a entender o feminismo, eu tava começando a entender que eu posso usar qualquer roupa que eu quisesse, que a minha virgindade não significava nada, entendeu. Então eu comecei a andar, sabe, de barriga de fora... Eu, só pra você ter ideia, assim, eu usava jeans e camiseta assim (manga curta), era o que eu usava pra tudo! Pra faculdade, pra sair, pra tudo, tudo, tudo! Eu não colocava um short mais, sabe. Então eu comecei esse

meu processo de desconstrução mesmo, de tipo, to com vergonha? Vou com vergonha mesmo! Foi muito assim de tipo, meu, todo mundo faz, por que eu não posso fazer?"

Uma vez que o corpo está, sociologicamente, envolvido com o processo de estabelecimento da autoimagem, servindo de apoio para a constituição da identidade, podemos observar no trecho apresentado que Anna busca construir sua identidade de acordo com o que sente, não de acordo com o que querem/esperam que ela seja, criando assim um sentimento de fidelidade consigo. Desta forma, Anna pode se preparar e se incentivar no processo de desenvolvimento de sua própria “verdade”, podendo se libertar de questões que antes, a aprisionavam (WOODWARD, 2014; RUDIO, 1987):

“aí... eu conheci o meu noivo... Então nesse processo aí eu já tava, tipo assim, muito liberta de muitas questões. Eu já tava ok com o meu corpo apesar de ter alguns momentos que eu sentia uma certa insegurança, eu já tava usando as roupa que eu queria, eu tava vivendo, sabe.”

4.1.4 Vivência da gordofobia

Após conhecer esse outro homem, a quem se refere como “o noivo”, Anna conta que após um ano de relacionamento, ele veio a falecer. Anna não dá muitos detalhes deste momento, mas se mostra bem sentida e muito marcada pois foi seu primeiro contato com a morte. Então diz que após esse incidente, conheceu o namorado mais recente, de quem engravidou, e conta sua experiência com a gravidez. Uma história muito simbólica para a história de Anna.

“Eu acredito que quando eu engravidei eu sofri sim Gordofobia, bastante. Relacionada a dizerem que por eu estar grávida e ser gorda, que eu colocava a vida do meu filho em risco, que eu não teria uma gravidez saudável. [...] Todo mundo falava que eu ia ter diabetes gestacional porque eu era gorda. E eu não tive. Falaram que talvez eu teria uma pré-eclâmpsia. Eu não tive! A minha gestação, ela era de risco, mas pela minha tireoide que não foi controlada no começo da gravidez.”

Anna, nos conta sobre a realidade de ser uma pessoa gorda em meio nossa sociedade atual, sabendo que esse corpo passa por um duro percurso de opressão

estrutural, ou seja, opressão/exclusão sustentada em grandes âmbitos da sociedade civil como saúde, mercado de trabalho, vestuário e acessibilidade. Neste cenário, o fato de ter um corpo que foge dos padrões, ou seja, o fato de se ter um corpo gordo faz com que Anna perca direitos básicos e até simples para quem os possui como o atendimento médico devido, por exemplo. Anna nos mostra pela sua vivência que a Gordofobia retira dela seus direitos, e a culpa por isso, a culpa pelos “riscos” que ela corre e que pode colocar seu filho, ao mesmo tempo que não a oferece o mínimo de suporte humano básico para lidar com essas situações (JIMENEZ-JIMENEZ, 2020; RANGEL, 2018). E continua:

“O fato é que por eu ser gorda [...] eu tive um descaso médico muito grande. Até os 4 meses de gestação, eu fui tratada, hm.... Um descaso médico total tanto que não foi, tipo, por eu dizer que foi descaso médico. Eles chegaram a me trocar de médico, me trocar de posto de saúde porque o médico, ele simplesmente não abriu os meus exames, e os meus exames constavam que eu tenho hipotireoidismo, né, que é uma disfunção na tireoide que não libera vários tipos de hormônios, então assim, me dá uma desequilibrada geral que poderia prejudicar principalmente na formação intelectual do meu filho, né...”

“e eu tava indo já pro pré-natal de quase cinco meses e o médico não tinha aberto o meu exame no último dia do pré-natal, sabe, no mês anterior. eu perguntei pra ele assim, falei ‘doutor, o senhor pode...’, isso com quase cinco meses de gravidez, tá?... ‘o senhor pode me dar o encaminhamento pra eu fazer a ultra? Eu queria saber o sexo do bebê’. Aí ele falou assim: ‘Não. Agora você não precisa. Eu só vou fazer com 8 meses pra saber se seu bebê tem hidro ou microcefalia’. Enfim, foi totalmente um descaso médico. Só que aí a minha sogra abriu meu exame e como ela era enfermeira, ela entendeu o que tava escrito ali e ela falou ‘meu, isso aqui prejudica sua gravidez, saca?’. E aí me encaminharam...”

Nos trechos apresentados podemos perceber a forma como Anna foi reduzida apenas à imagem de “mulher gorda”, o que resultou em uma negligência médica, pautada em diagnósticos superficiais. Sem contar no sofrimento infligido a ela por isso, que retrata de forma muito clara a vivência de outras pessoas gordas que ficam desassistidas, assim como ela, e se afastam dos serviços de profissionais da área da saúde. A negligência pode ser perigosa e mortal para as pessoas gordas, isso porque indivíduo gordo em ambientes de consultas médicas é frequentemente negligenciado

desde o momento da queixa de suas enfermidades (SILVA e CANTISANI, 2018 apud RANGEL, 2018; JIMENEZ-JIMENES, 2020).

“E eu nunca vou esquecer, assim, eu cheguei no hospital passando super mal, fui super mal tratada, é... super, super mal tratada! Mas aí eu tive esse momento, né, eu fiz a ultra e me colocaram já num quarto pra eu trocar de roupa pra gente começar a indução do parto. E eu nunca vou esquecer... Nossa, que raiva! Entrou um médico, com outros dois médicos... médicos, médicos! Não eram estudantes... e ele falou assim... (pausa longa com cara de choro e olhar distante) ... Ele falou assim ‘eu acho que ela teve uma eclampsia’ – que é quando a pressão sobe de mais e mata o bebê – ‘eu acho que ela teve uma eclampsia, ainda não dá pra saber o que que foi mas eu acho que foi isso porque olha o tamanho dela’. Esse médico, ele não fez questão nem de olhar meu prontuário. E qual o problema? A pessoa olha pra minha cara e o que? Ela acha que eu não vou saber o que é uma eclampsia? Sabe, o cuidado, de... de... de... falar, de como falar, sabe, quis me tirar de otária ali naquele momento.”

Observamos então, que mesmo após passar pelos desafios do pré-natal sem apoio médico e sem humanização, Anna, ao dar entrada no hospital de forma emergencial é novamente mal tratada pela equipe médica. podemos ver então, a maneira que a autoridade médica muitas vezes é utilizada como instrumento de inferiorização e desumanização das pessoas gordas. Anna nos mostra de forma muito clara que um indivíduo gordo, ao entrar pela porta dos serviços de saúde, é automaticamente negligenciado, sendo mal tratado desde o momento que entra pela porta, até o momento do atendimento, internação, recuperação, repouso, etc. (JIMENEZ-JIMENEZ, 2020; RANGEL, 2018).

“E eu tinha 22 anos quando meu filho faleceu, que foi o caso mais sério pra mim, assim, de Gordofobia, mas existem frases, existem conceitos que são aplicados sobre mim todos os dias, de forma muito mais sutil que com uma pessoa gorda maior, mas acontece. Como eu disse, essa questão da preocupação com o que eu como ou deixo de comer, se eu to fazendo exercícios ou não, enfim”

Neste ponto, entendemos que Anna passa então pelo segundo momento de contato com a morte: a morte do próprio bebê. A negligência médica que sofreu desde o início, no pré-natal, poderia ter sido o motivo deste triste fim tendo em vista que o médico ignorou os exames de Anna e a julgou apenas pelo formato do seu corpo

desde o início. Isso deixa escancarada a questão de que as pessoas gordas, em vários contextos, mas em especial no atendimento básico de saúde, se tornam um grupo fragilizado do qual o direito à saúde é usurpado pela violência verbal e psicológica por parte de profissionais da saúde aos quais são frequentemente expostos em seus cotidianos (RANGEL, 2018).

“Hoje, o que eu sofro muito no meu dia a dia é a questão da pressão estética, né, só que mesmo assim as vezes é muito tênue uma coisa entre uma e outra e como eu sou uma gorda menor, a questão da Gordofobia as vezes passa até de uma forma imperceptível. Hoje em dia eu escuto muita coisa gordofóbica! Muita coisa gordofóbica. Eu escuto pessoa falando que engordou, só que não engordou porra nenhuma, eu escuto que eu tenho que tomar o chazinho, eu sou olhada com repulsa, eu sempre escuto ‘ah, mas se você tivesse com uma blusinha mais comprida, mais larguinha, você ia estar mais elegante’, sabe.

Ao refletir sobre o tempo presente, passados dois anos da perda do filho e das vivências de Gordofobia médica, Anna reflete sobre as opressões que sofre até hoje e nos dá uma perspectiva de duas formas claras de opressão feminina: a pressão estética e a Gordofobia. Tanto a primeira, quanto a segunda formas de opressão, colocam Anna em situações onde a imagem social de seu corpo é usurpada e transferida para o meio social, onde as pessoas se sentem no direito de interferir sobre o corpo, negar sua subjetividade e sua individualidade. Além da “discriminação que leva à exclusão social, visto que os corpos gordos perdem a humanidade, são estigmatizados” (JIMENEZ-JIMENEZ, 2020, p.60; ROCHA, SANTOS e MAUX, 2019).

4.1.5 Conhecendo os movimentos sociais de valorização do corpo gordo

“E aí foi quando a Karen¹ um dia postou que ela queria fazer uma roda pra conversar sobre Gordofobia e tals e eu falei ‘ah, eu vô’.”

Anna visualiza em uma rede social uma postagem de Karen² sobre uma roda de conversa. A internet nesse sentido, para as pessoas gordas, não é apenas um meio de comunicação. Aqui a internet e as redes sociais assumem na história de Anna o sentido de representarem um espaço de relação social com argumentações e

¹, ²: Nome fictício utilizado para preservar o sigilo da pessoa originalmente citada

resoluções acerca do gordo-ativismo. Toda essa rede relacional, que se inicia de forma online, estabelece laços vivenciais entre as participantes da roda de conversa e, como uma forma de ativismo, é esperado que esse movimento venha a modificar, transformar e influenciar processos e resultados sociais e políticos (SEGATA, 2016 apud JIMENEZ-JIMENES, 2020; JIMENEZ-JIMENES, 2020).

“E eu cheguei lá e só tinha gorda maior, só eu de gorda menor. E aí eu entendi, pela primeira vez, que o negócio é mais embaixo, sabe. Que eu tinha sim minhas questões, que eu sofria sim, tudo bem, quanto mais gorda, mais difícil dentro da sociedade, e que o que eu tinha sofrido era Gordofobia médica, entendeu. Então aquelas meninas, elas mudaram a minha vida, elas me acolheram, elas me deram uma perspectiva, elas me fizeram pensar sobre várias situações que eu já tinha passado na minha vida mas que eu não sabia que mais pessoas passavam por isso e nem o nome disso, sabe, o que foi muito legal, foi muito interessante falar ‘nossa, cara, aquela menina ali já sofreu isso, tipo, o cara não queria assumir ela... Ah eu to entendendo agora’, sabe umas coisas assim.”

Anna, após todas suas vivências, descobre então a possibilidade de experienciar algo que nunca havia experienciado antes: conhecer e conversar com outras mulheres gordas. Isso representa uma possível identificação com outras pessoas que podiam passar, ou ter passado, pelos mesmos problemas que ela por conta de seus “desvios”. Isso passa a caracterizar uma organização grupal que fortalece as identidades ali inseridas, inclusive a de Anna (RANGEL, 2018).

4.1.6 Reconstruindo a identidade

“Eu já tava ficando de boa com meu corpo, eu usava biquini, usava as roupas que eu queria, eu não aceitava que falassem algumas coisas pra mim... Mas eu não compreendia o quão sério era isso, tipo, como é complexo o mundo e tudo que a gente sofre nele”

Anna nos diz que em determinado momento de sua trajetória, ela não mais aceitava algumas investidas negativas do âmbito social contra seu corpo, mas que, ao mesmo tempo, não compreendia o tamanho da significância disso. Isso se dá pois o corpo gordo, visto pela sociedade como uma deficiência/falência física e moral, é um grande atrativo de olhares e indagações morais. Anna, nesse sentido, assume um

papel social que sofre com violências já tão naturalizadas na nossa sociedade frente ao corpo gordo, que muitas vezes passam despercebidas e se negativam como violência, mas que se renovam e ganham mais força à medida que são cada vez mais veladas (BRETON, 2012).

“E aí eu... Eu tive que me readaptar ao meu corpo. Então já de cara, já de início, assim, eu tava muito arrasada por dentro pra ficar brigando com o meu corpo, você tá entendendo? Eu não queria isso, então, tipo, com o passar do tempo eu comecei a entender ‘ah, minha barriga tá assim por causa do meu filho, são as minhas marcas, é a minha história, é a nossa história, minha história e do Francisco’, sabe. Meu peito caiu, a barriga ficou diferente. [...] Mas as minhas inseguranças nunca me impediram, sabe, porque chegou uma hora que eu falei ‘meu, ou eu volto a ser aquela menina de 16 anos que usa só calça e camiseta, ou eu vou usar o que eu quero mesmo com as pessoas me olhando do jeito que elas quiserem, porque isso é um problema delas, não é um problema meu’, entendeu.”

Anna nos coloca que algumas questões negativas que tinha com seu corpo são agora vistas de forma mais positiva por carregarem consigo a história de vida e dos processos positivos de suas vivências, como por exemplo a experiência da maternidade. Anna então traz essas experiências para sua consciência e se reorganiza de forma a modificar a imagem que tinha de si mesma, abrangendo novas percepções da experiência de olhar para si e entender sua história (e as marcas que a história produziu em si) (ROGERS, 2003).

“Mas na verdade eu acho que agora eu to mais fazendo uma reflexão, sabe, sobre mim assim, eu não to muito afim de necessariamente me envolver com ninguém porque foi tudo muito rápido, então eu acho que preciso desse tempo, assim, pra me entender né, agora eu estou indo para perto dos 30 e não mais dos 20, né. Então fazer essa avaliação em relação a mim eu acho que é o que vai me direcionar, sabe.”

“Eu acho que eu sou uma pessoa que até hoje me adaptei a situações, sabe, muito, tipo, de forma externa. ‘ah, eu vou pra fora e eu vou morar com qualquer um porque eu não quero tá aqui, eu não quero encarar minha vida’, sabe. ‘ah, beleza, apareceu um carinha aí que tá afim de mim, beleza, vou namorar ele’, entendeu. E agora, não.

Agora eu acho que mais do que nunca eu vou me adaptar sim, mas eu vou me adaptar por mim, pra mim, sabe”

Neste ponto, podemos entender Anna como uma mulher que já passou por muita coisa em muito pouco tempo. Uma mulher com muita bagagem experiencial em vários sentidos. Anna sente que está na hora de olhar para si e de ouvir a si mesma e essa sensação vem como uma descoberta da necessidade de buscar ser quem realmente é, como o início de um processo permissivo de se descobrir em profundidade. Anna demonstra aqui uma estima consigo mesma para atingir essa descoberta da profundidade verdadeira do seu “eu” (RUDIO, 1987).

“Eu penso muito nos tipos de vivências que eu tive e no que isso pode ajudar, sabe, eu acho que depois de tudo que eu passei, acho que é o primeiro momento da minha vida que tá sendo eu comigo mesma. Que eu não tenho filho, que eu não tenho namorado, que que minha família ok, eles sabem que eu sou mesmo uma pessoa (do ponto de vista deles) difícil de lidar, e eu to me buscando de novo, sabe, nesse processo. É isso que tá acontecendo. [...] Eu acho que eu sou isso. Eu acho que eu sou sempre uma menina sonhadora que tem os momentos dela de pausa, de falar ‘meu, não vou conseguir’ e aí do nada eu tiro gás de onde não dá e falo ‘vai rolar, vou chegar lá’.”

Por fim, Anna reflete sobre todas suas experiências (e por consequência, suas perdas) e as incorpora, aceitando-as da maneira que elas foram vivenciadas. Neste momento, Anna mostra-se liberta, sem colocar-se na defensiva, demonstrando uma organização (ou busca positiva pela organização) de seu “self” (ROGERS, 2003).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das análises, é possível afirmar a Gordofobia como uma opressão estrutural e institucionalizada na medida que este tema percorre as instâncias da vida social e viola os direitos de humanidade em diversos locais, buscando excluir o corpo gordo do direito à vida em sociedade, colocando o indivíduo em um local de culpa, patologização, exclusão e rejeição. Isso ocorre pois o corpo é visto nas sociedades modernas como uma máquina, precisa ser ativo, forte, mecanizado, atributos não atribuídos socialmente ao corpo gordo. Em suma, o corpo gordo é um corpo político pois justamente por não ser lido como um corpo produtivo, ou seja, por não ser um corpo do trabalho, do lucro, um corpo que não vale ao capitalismo acima de tudo. Foi possível identificar, nesse sentido, que a identidade de um indivíduo gordo está sempre à revelia das pressões sociais externas por meio do discurso médico que invalida esse corpo e o coloca como doente e impossibilitado de ter uma vida saudável; por meio do discurso da indústria da beleza, que padroniza os corpos e pressiona os corpos desviantes a fazerem de tudo para atingirem a premiada magreza; por meio dos espaços de convivência e entretenimento que não possuem espaço para receber o corpo gordo de maneira confortável e humana; pelo mercado de trabalho que exclui o indivíduo gordo das disputas por cargos por este não ser o “perfil” do mercado; Pelo sistema político e econômico que joga o corpo gordo a uma posição de invalidez e improdutividade e por tantas outras formas de opressão estrutural que esse corpo sofre.

Por conta disso, podemos afirmar que a Gordofobia influencia no processo identitário de uma pessoa gorda servindo de estopim tanto para o sofrimento interno e repressão de uma identidade positiva, como estopim para uma reorganização da identidade de forma a combater a opressão sofrida. Ambos os casos foram possíveis de ser visualizados ao longo da narrativa da entrevistada “Anna” o que demonstra que o processo de construção identitária nunca é estático, e sim um movimento fluido que acompanha o indivíduo ao longo de sua trajetória e se altera conforme as experiências e elaborações positivas e negativas dos processos de vivência.

Na análise foi possível identificar em “Anna”, etapas da constituição de suas várias identidades ao longo de sua história de vida. Etapas pautadas em diferenciação do meio cultural, descobertas de novas possibilidades para a vida, valorização de si, contatos com a morte e com violências médicas, uniões positivas e reorganização

interna de si mesma. Todas essas etapas têm uma identidade de Anna para aquele determinado momento de sua vida. A forma como Anna sentia e sente as relações sociais e a si mesma nesses locais determinados permitem que a identidade se molde e seja mutável, cheia de altos e baixos a depender da vivência.

Algumas dessas vivências diziam respeito à relação com o próprio corpo e com sua autoimagem. Pudemos vislumbrar o desenvolvimento da autoimagem que se iniciou com uma adolescente que preferia esconder-se do mundo por dentro de roupas largas e sem vida, uma jovem que introjetava a negatização de seu corpo e sentia-se então reprimida pela sociedade e por si mesma. Jovem essa que após se ver fora do ambiente cultural que mais a repreendia nesse sentido, pôde iniciar um processo de investigação profunda de si, passando a aceitar e compreender melhor seu corpo e sua imagem de forma mais positiva.

Essa construção leva então a entrevistada a conhecer novas pessoas, pessoas que compartilham das mesmas aflições e estigmas que ela, que se unem para falar sobre isso de forma crítica. Esse processo influencia a união daqueles que compartilham das mesmas características, que sofrem por motivos semelhantes de diferentes formas, e assim, podem juntos passar a lutar contra aquela opressão estrutural e institucionalizada mencionada no início. Mas também, em âmbito individual, permite que Anna passe a olhar mais para si mesma de forma positiva e procure se desconectar da turbulência de sua própria vida para, mais uma vez, voltar ao processo de autoafirmação no mundo.

Em tempo, afirmo aqui que os movimentos e as uniões entre pessoas gordas devem ser pautas de discussão na sociedade civil organizada brasileira justamente por se tratar de um movimento embrionário no nosso país. É necessário que vislumbremos as novas possibilidades desse corpo lançar-se positivamente à sociedade através da ciência e através de atos políticos. Aqui reforço a grande importância da internet para esse processo justamente por se tratar de um novo espaço de desconstrução de valores com pautas sócio-políticas sendo fortemente tratadas, onde grupos podem se unir cada vez mais para combater essa opressão política, estrutural, institucionalizada que os cercam da mesma forma que outras minorias já fizeram anteriormente na história dos movimentos civis organizados.

REFERÊNCIAS

ALVES, Cecília Pescatore. Narrativas de historia de vida e projeto de futuro no estudo do processo de identidade. Boa Vista. **Textos e debates**, n.31, p.33-41, jan/jun. 2017. Disponível em: <https://revista.ufr.br/textosedebates/article/view/4255/pdf>. Acesso em: 19 de Março de 2020.

CARVALHO, Alexandra Bitterncourt de. **Representações e identidade de mulheres gordas em práticas midiáticas digitais: tensões entre vozes de resistência e vozes hegemônicas**. 2018. Dissertação (Pós-graduação em Letras) – *Magister Scientiae*, Universidade federal de Viçosa, Viçosa, Minas Gerais. 2018. Disponível em: <https://www.locus.ufv.br/handle/123456789/21235>. Acesso em: 21 de Janeiro de 2020.

CARLETO, Simone. Crítica: 'Gordofolia', por Simone Carleto. **O vale**, 21 de Setembro de 2018. Disponível em: <https://www.ovale.com.br/conteudo/2018/09/viver/54439-critica--gordofolia--por-simone-carleto.html>. Acesso em: 26 de Setembro de 2020.

CORPOS Livres. Instituto Tomie Ohtake, 2019. Disponível em: <https://www.institutotomieohtake.org.br/programacao/interna/corpos-livres>. Acesso em: 25 de Outubro de 2020.

ERIKSON, Erik Homburger. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar. 1972.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes. 1987.

FREESPIRIT, Judy; ALDEBARAN. Fat Liberation Manifesto. **Off Our Backs**. V.01, n.4, pp. 01-31. Washington, 1979. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/25773035>. Acesso em: 05 de Agosto de 2020.

FREIRE FILHO, João. O poder em si mesmo: jornalismo de autoajuda e a construção da autoestima. **Revista Famecos**, v.18, n.3, p.117-745. 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/10379/279>. Acesso em: 16 de Abril de 2020.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. Como elaborar projetos de pesquisa. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2017.

_____. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. Campinas, **Revista Brasileira de Educação**, v.16 n.47 mai./ago. 2011. Disponível em:

<https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n47/v16n47a05.pdf>. Acesso em: 24 de Novembro de 2020

GOLDENBERG, Mirian; RAMOS, Marcelo Silva. A civilização das formas: o corpo como um valor. In: GOLDENBERG, Mirian. **Nu e Vestido – dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro/São Paulo. Editora Record. 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina. 2019.

_____. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. 15ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

JIMENEZ-JIMENEZ, Maria Luiza. **Lute como uma gorda: gordofobia, resistências e ativismos**. Tese (Doutorado em Estudos de Cultura Contemporânea) – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, Mato Grosso, 2020. Disponível em: <https://lutecomoumagorda.home.blog/tese-de-doutorado-lute-como-uma-gorda-gordofobias-resistencias-e-ativismos/>. Acesso em: 08 de Julho de 2020.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Tradução de Sônia Fuhrmann. 6ª ed. Petrópolis: Vozes. 2012.

MATTOS, Rafael da Silva. Sou gordo, sou anormal?. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v.03, n.02, julho/dezembro, 2007. Disponível em: <file:///C:/Users/RAFAE/OneDrive/%C3%81rea%20de%20Trabalho/PROJETO%20TG/sou%20gordo%20sou%20anormal.pdf>. Acesso em: 24 de Novembro de 2020.

NECHAR, Patricia Assuf. Diversidade de Corpos: A Ascensão do Corpo Gordo Através das Artes, Redes Sociais e o Movimento Plus Size. In: 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2018. **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Joinville, p. 01-15, 2018. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1009-1.pdf>. Acesso em: 16 de Maio de 2020.

NOGUEIRA, Maria Luiza; et. al. O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. São João del Rei: **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 12, n. 2, maio/agosto. 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ppp/v12n2/16.pdf>. Acesso em: 24 de Novembro de 2020.

PAIM, Marina Bastos. **Os corpos gordos merecem ser vividos**. Florianópolis, Revista estudos feministas, v.27, n.01. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ref/v27n1/1806-9584-ref-27-01-e56453.pdf>. Acesso em: 24/ de Novembro de 2020.

PAULILO, Maria Ângela. A pesquisa qualitativa e a história de vida. **Serviço social em revista**. Londrina, v.02, n.01, p.135-148, jul./dez. 1999.

PERNICIOTTI, Fernanda. Em “peso bruto”, Jussara Belchior explora os limites do corpo. **Estadão**, 28 de Outubro de 2017. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/noticias/teatro-e-danca,em-peso-bruto-jussara-belchior-explora-os-limites-do-corpo,70002064132>>. Acesso em 26 de Outubro de 2020.

POULAIN, Jean Pierre. **Sociologia da Obesidade**. São Paulo: Senac. 2013.

RANGEL, Natália Fonseca de Abreu. **O ativismo gordo em campo**: política, identidade e construção de significados. 2018. Dissertação (Pós-graduação em Sociologia Política) – Mestrado em sociologia política, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/205904/PSOP0638-D.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>. Acesso em: 24 de Novembro de 2020.

ROGERS, Carl R. **Terapia centrada no cliente**. Lisboa: GATF, 2003.

RUDIO, Franz Victor. O homem em busca da autenticidade. In:_____. **Orientação não diretiva**: na educação, no aconselhamento e na psicoterapia. Petrópolis: Vozes, 1987, p.48-55.

VASCONCELOS, Naumi, et. al. **Um peso na alma**: o corpo gordo e a mídia. Fortaleza, revista mal-estar e subjetividade, v.04, n.1, p.65-93, Mar. 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v4n1/04.pdf>. Acesso em: 24 de Novembro de 2020.

VAZ, Paulo, et. al. **Gorda, sim! Maravilhosa, também!**: corpo, desejo e autenticidade em testemunhos de vítimas de gordofobia no *YouTube*. Juiz de Fora, PPGCOM – UFJF, v.12, n.2, p.99-117, mai./ago. 2018. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/index.php/lumina/article/view/21518/11643>. Acesso em: 24 de Novembro de 2020.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: A perspectiva dos estudos culturais. 15ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.